

A REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DE JESUS CRISTO EM SEU SERMÃO SOBRE O CUMPRIMENTO DO AMOR A PARTIR DO EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS

LINGUISTIC-DISCURSIVE REPRESENTATION OF JESUS CHRIST IN HIS SERMON ON THE FULFILLMENT OF LOVE FROM THE GOSPEL ACCORDING TO ST. MATTHEW

Wilder Kleber Fernandes de Santana
Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, Paraíba, Brasil

Pedro Farias Francelino
Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, Paraíba, Brasil

RESUMO: Este trabalho delimita como objeto de estudo “a representação linguístico-discursiva do sujeito enunciativo Jesus Cristo em seu sermão sobre o cumprimento do amor, a partir dos registros evangelísticos de São Mateus”. Os pontos de vista desse autor conferem responsividade diante dos acontecimentos registrados. Remetemo-nos a Bakhtin e o círculo para fundamentar nossa pesquisa, uma vez que a remissão ao campo da religião e ao universo cristão, com suas particularidades e símbolos, é recorrente na produção dos estudiosos russos. O *corpus* constitui-se de 6 (seis) versículos bíblicos relatados por São Mateus sobre as palavras de Jesus. Dessa forma, a exposição oral se caracteriza pelas diferentes formas de presença do outro, ou seja, presença de diversas vozes sociais resultantes de interações interdiscursivas. Trata-se, portanto, a pesquisa, de uma produção de cunho qualitativo-interpretativo. A versão bíblica que se adotou como suporte e referência para a composição deste trabalho foi a Bíblia de Jerusalém (*Nova Edição Revista e Ampliada*), cuja tradução foi realizada diretamente dos textos originais (hebraico e grego).

PALAVRAS-CHAVE: Representação; Jesus Cristo; Religião; Sermão; Bakhtin.

ABSTRACT: This paper delimits as object of study “the linguistic-discursive representation of the enunciative subject Jesus Christ in his sermon on the fulfillment of love, from the evangelistic records of St. Matthew”. The views of this author confer on responsiveness to recorded events. We refer to Bakhtin and the circle to ground our research, since the remission to the field of religion and to the Christian universe,

with its particularities and symbols, is recurrent in the production of Russian scholars. The corpus is made up of six (6) Bible verses reported by St. Matthew on the words of Jesus. Thus, the oral presentation is characterized by the different forms of presence of the other, that is, the presence of several social voices resulting from interdiscursive interactions. Therefore, the research is characterized as a qualitative-interpretative production. The biblical version that was adopted as support and reference for the composition of this work was the Jerusalem Bible (New Revised and Enlarged Edition), which was translated directly from the original texts (Hebrew and Greek).

KEYWORDS: Representation; Jesus Christ; Religion; Sermon; Bakhtin.

1. INTRODUÇÃO

A remissão às esferas estética e religiosa, em especial ao universo cristão, com suas particularidades e símbolos recorrentes na produção de Bakhtin e o Círculo, vem despertando interesse entre os interlocutores bakhtinianos tanto no cenário vernáculo quanto no estrangeiro.

Ao observarmos as condições histórico-ideológicas em que Bakhtin contextualiza as obras de François Rabelais (1494-1553), são condensados e polarizados valores sacros e carnavalescos em uma multiplicidade de eventos culturais populares. Na medida em que a literatura renascentista comportava ritos populares entre o sagrado e o profano, “quase todas as festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado também pela tradição” (BAKHTIN, 2010, p. 4). Nessa perspectiva, em sua crítica às tendências psicologistas freudianas, o filósofo russo acentua que, dentre os diversos sistemas filosóficos da época, o único que se equiparou à psicanálise freudiana foi o steinerianismo, ou antroposofia, cuja ideologia elenca aspectos de um Eu espiritual (2012, p. 4).

Assim, suas formulações iniciais acerca da empatia, em seu projeto inicial *Para uma filosofia do Ato*, já apontavam para a figura de Cristo, cuja descida, na ótica de Bakhtin, se torna “Um grande símbolo da auto-atividade” (ibid, p. 34), sem que um ser humano se perca no outro. Tais ideias são ampliadas e reenunciadas em seu texto *O corpo como valor: o corpo interior* (2003), em que, para Bakhtin, “o cristianismo se afigura complexo e heterogêneo” (ibid, p. 51). Desse ponto de vista, o estudioso supracitado afirmará que, com base na tendência segunda dos componentes do Cristianismo (1. Sacralização; 2. Ideia genuinamente antiga do Deus se fazendo homem; 3. O dualismo gnóstico e a ascese; 4. O Cristo do Evangelho), “desenvolveu-se a ideia da transfiguração do corpo em Deus como outro para ele.” (ibid, p. 52).

Para Bakhtin (2011, p. 261), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Assim, compreendemos que, sendo a língua concretizada em forma de enunciados – orais e escritos –, são estes que refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo da atividade humana. Nesta construção teórica, para Bakhtin, por mais que o enunciado particular seja individual, é cada campo de utilização da língua que compõe seus tipos relativamente estáveis de enunciados, por sua vez denominados de *gêneros do discurso* (Grifos do autor).

Quanto à linguagem, para Bakhtin (2012), é uma prática que tem sua situação histórica e social concreta no momento da atualização dos enunciados. Além disso, tal concepção de linguagem é centrada nos interlocutores, apresentando, dessa forma, seu caráter ativo no ato verbal em que o discurso é produzido. Trazendo a assertiva de que “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 2012, p. 116), todo e qualquer texto, seja ele verbal ou não-verbal, tem uma natureza social interativa, pois quem o produz tem uma intenção comunicativa.

Como afirma o teórico russo (2011, p. 282), “A vontade discursiva do falante realiza-se antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*” (grifos do autor). O discurso só ganha vida na forma de enunciações concretas de determinados falantes, os sujeitos do discurso. Os enunciados concretos ocorrem a partir da alternância dos sujeitos dos discursos e isso se dá porque o sujeito termina seu enunciado para passar a palavra ao outro, tornando-se um ser responsivo e participativo por tudo o que enuncia. Torna-se, assim, um agente produtor de sentidos dos discursos produzidos socialmente em situações concretas.

Objetivamos, no presente trabalho, analisar a representação do sujeito Jesus Cristo em sua exposição oral (sermão) sobre o cumprimento da lei e dos profetas (o amor), segundo o relato do evangelho de Mateus (capítulo 5), por entendermos que, no gênero discursivo em pauta, os sujeitos criam (no ato da comunicação e da interação verbal), o efeito de sentido desejado de compreenderem-se responsivamente, uma vez que incorporam em seus enunciados os discursos de outrem. Procuramos observar as possibilidades de sentido presentes em seu discurso, buscando compreender como ocorre a apreensão das vozes sociais pelo sujeito e observando os efeitos discursivos a partir dos enunciados que se atualizam.

A exposição oral geralmente se realiza numa situação de comunicação específica em que o orador (ou expositor) une-se, pela interação verbal, ao(s) seu(s) destinatário(s). Dessa forma, a exposição oral se caracteriza pelas diferentes formas de presença do outro, ou seja, presença de diversas vozes sociais resultantes de interações interdiscursivas. Trata-se, portanto, a pesquisa, de uma produção de cunho qualitativo-interpretativo.

A pesquisa é, ainda, de caráter bibliográfico e documental e o *corpus* constitui-se de seis versículos bíblicos relatados por Mateus em seu evangelho acerca de palavras de Jesus. A versão bíblica que adotamos como suporte e referência para a composição deste trabalho foi a Bíblia de Jerusalém (*Nova Edição Revista e Ampliada*), cuja tradução foi realizada diretamente dos textos originais (hebraico e grego).

O capítulo cinco do Evangelho de Mateus (O sermão do monte: as bem-aventuranças) compreende um total de 48 versículos, dos quais foram analisados apenas seis em virtude da delimitação da temática do enunciado proposto para análise neste trabalho. O capítulo em tela trata de vários assuntos, inclusive, em algumas versões da Bíblia¹, ele aparece dividido em seções temáticas. No nosso caso, nos versículos de 43 a 48, abordou-se a temática do “amor ao próximo”, objeto de nossa reflexão.

A análise desse trabalho se fundamenta na Teoria Dialógica da Linguagem de Bakhtin e o Círculo (2011, 2012) e em trabalhos de alguns estudiosos brasileiros, como Faraco (2003), Fiorin (2006) e Sobral (2009). Primeiramente, abordaremos o conceito de dialogismo de Bakhtin, considerado o princípio

¹ Tais como: Versão Almeida Revista e Corrigida (ARC); Almeida Revista e Atualizada (ARA); Nova Versão Internacional (NVI); Bíblia de Jerusalém.

constitutivo da linguagem. Em seguida, sobre o sujeito dialógico Jesus Cristo para, posteriormente, analisar a representação do enunciado em questão.

2. O DIALOGISMO COMO PRINCÍPIO CONSTITUTIVO DA LINGUAGEM

A natureza dialógica da linguagem, como definição teórica, desempenha papel importantíssimo nas obras de Bakhtin e o Círculo. O dialogismo, na perspectiva dos integrantes do Círculo, é considerado o princípio constitutivo da linguagem, em sua dimensão concreta, viva, real. Nesta perspectiva, segundo Sobral,

Essa concepção é chamada de dialógica porque propõe que a linguagem (e os discursos) têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividade) no intercâmbio verbal, ou seja, as situações concretas do exercício da linguagem. (2009, p. 32).

Segundo essa visão, são as situações concretas e reais na esfera comunicativa de interação que determinarão o aspecto e o sentido de toda a palavra direcionada, dirigida, lançada.

Na concepção de linguagem proposta pelo chamado Círculo de Bakhtin, o enunciado constitui um elo da complexa rede de outros enunciados, estabelecendo com todos eles relações dialógicas de variados níveis e graus de complexidade. O enunciado encontra, em seu curso natural na comunicação discursiva, os enunciados de outrem, já impregnados das intenções e dos pontos de vista desse(s) outro(s), com o qual(is), inevitavelmente, adota uma compreensão responsiva ativa de concordância-discordância, convergência-divergência, tolerância-intolerância, não necessariamente de forma dicotômica. Portanto, há uma reação à palavra do outro, à visão de mundo do outro, de modo que, ao entrelaçar-se com o discurso alheio, o enunciado adentra um espaço saturado de diferentes posições axiológicas. Segundo Bakhtin,

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma *interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros*. [...] Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos (2016, p. 54 - destaques nossos).

Nessa perspectiva, a diretriz dialógica do enunciado é um processo natural, constitutivo, condição da qual ele não pode fugir, e nossa consciência, sendo de índole social, só se manifesta de forma concreta em enunciados, verbalmente expressos ou não, considerando que o discurso interior também é um enunciado

concreto produzido na tensão entre os discursos que circulam socialmente. Isso não significa que nossas produções de linguagem se deem num espaço socioverbal pacífico; pelo contrário, muitas vezes, surgem da tensão entre cosmovisões de mundo díspares, contraditórias e muito divergentes. Com essas considerações iniciais sobre o conceito de dialogismo, vejamos a noção de gênero do discurso “exposição oral”.

Em linhas gerais e tomando por base o referencial teórico bakhtiniano, o gênero exposição oral (sermão expositivo), considerando, evidentemente, sua relativa estabilidade, dispõe de um conteúdo temático (convencer o auditório/público acerca de uma determinada ideia/dogma a partir do(a) qual o(a) fiel deve pautar toda sua vida moral); uma estrutura composicional (bastante variável, a exposição oral constitui um texto oral de aproximadamente 40 minutos, produzido em um templo e dirigido a uma comunidade religiosa; normalmente, apresenta uma introdução, um desenvolvimento em partes e uma aplicação ao contexto do auditório); um estilo, com formas linguísticas típicas, tais como uso de

Imperativo, de *vocativo* – características inerentes de discursos de doutrinação; uso de *metáforas* – explicitadas por paráfrases que indicam a leitura apropriada para as metáforas utilizadas; uso de citações no original (grego, hebraico, latim) – traduzidas para a língua em uso através de *perífrases* extensas e explicativas em que se busca aproveitar o máximo o efeito de sentido advindo da língua original; o uso de *performativos* – uso de verbos em que o ‘dizer’ representa o ‘fazer’; o uso de *sintagmas cristalizados* – usadas em orações e funções fáticas. Ainda em relação às unidades textuais, podemos acrescentar o uso de determinadas formas simbólicas do discurso religioso como as parábolas, a utilização de certos temas *recorrentes* (FIGUEIREDO et al, 2009, p. 142 - grifo do autor).

É de nosso especial interesse compreender o processo de representação do sujeito no discurso religioso, firmado o fato de que existem diferentes maneiras de se representar o discurso de outrem no plano enunciativo e estas revelam o modo específico e particular de cada sujeito de se relacionar com a linguagem. Desse modo, iremos adentrar no entendimento de como se re(a)presenta o sujeito discursivo Jesus Cristo, em sua exposição oral sobre cumprimento da lei e dos profetas.

Quando se abordam as noções de dialogismo e interação, necessariamente falamos dos sujeitos, os quais são partes do processo de construção de sentidos. Ao analisarmos os trabalhos de estudiosos da teoria bakhtiniana da linguagem, em leituras mais detalhadas, percebemos que o Círculo de Bakhtin, na medida em que trata do sujeito social, também discute sobre o sujeito em sua individualidade. É dessa forma que se estabelecem relações com outros sujeitos que o constituem e são constituídos por ele. Assim, o sujeito é pensado na interação constitutiva da sociedade: prescinde da sociedade para existir e constitui, em suas relações com outros sujeitos, essa mesma sociedade.

Essa concepção de sujeito não pretende uniformizar os sujeitos da sociedade, pois como afirma Sobral (2009, p. 48), “o sujeito se divide em múltiplos papéis, nos termos de suas relações sociais, e a sociedade se divide em múltiplos grupos e segmentos, nos termos das relações entre esses grupos e segmentos.” Quando o sujeito se insere na ordem do discurso, (re)constrói sua identidade. Ele está, ao mesmo tempo em que se configura identitariamente, considerando o discurso do outro (ainda que discorde totalmente das opiniões alheias), visto que ocupa na sociedade múltiplas identidades, pois está sempre em contato com diferentes interlocutores. Assim, por exemplo, ora o sujeito assume a identidade de político, ora de religioso, ora de professor e assim por diante. Então, a identidade do sujeito é compreendida como uma construção socialmente organizada por meio dos discursos.

3. JESUS CRISTO E SUA EXPOSIÇÃO ORAL SOBRE O CUMPRIMENTO DO AMOR

É necessário, primeiramente, delinear o contexto em que se encontrava Jesus Cristo, no momento em que começou a expor, oralmente, seu sermão sobre o cumprimento da lei e dos profetas (o amor), segundo a narrativa bíblica. De acordo com o capítulo 5 do Evangelho segundo Mateus, vendo a multidão, Jesus subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele seus discípulos (v. 1). Após apresentar as beatitudes (dos versículos 2 ao 12) e ensinar sobre o sal da terra e a luz do mundo (v. 13 – 16), Jesus adentra, a partir do versículo 43, no discurso sobre o cumprimento do amor. Então, registra o escrito que Jesus começou a pronunciar para seus discípulos:

v. 43: Ouvistes que foi dito: amarás ao teu próximo e aborrecerás o teu inimigo.

v. 44: Eu, porém, vos digo: amai a vossos inimigos, bendizeis os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem.

A partir do contexto acima, percebemos que o princípio da seleção lexical é manifestado pelo sujeito falante Jesus Cristo, a partir do momento em que seleciona uma combinação de palavras da língua em que enuncia. A escolha dos verbos “amar”, “bendizer”, “orar”, além da expressão “fazer o bem” denota uma relação dialógica de contraposição ao discurso da lei, segundo o qual deveria imperar o “olho por olho e dente por dente”, isto é, o “aborrecer” o inimigo. Os complementos verbais, por seu turno, apenas reiteram a intenção discursiva de Jesus em seu pronunciamento, numa aparente atitude de contradição/paradoxo, uma vez que tais verbos, sob a lógica humana, não parecem ser coerentes com esses complementos: “... a vossos inimigos”, “... os que vos maldizem”, “... aos que vos odeiam”, “... pelos que vos maltratam e vos perseguem”.

Essa escolha seletiva se dá em função de diversos aspectos, dentre os quais podemos salientar, nas palavras de Francelino (2013, p. 17), “as condições amplas

e imediatas da enunciação, ou seja, para quem eu falo, com que intuito eu falo, que papel(is) social(is) desempenha(m) meu(s) interlocutor(es) no processo enunciativo e o *gênero discursivo* em que ocorrem as interações”.

Se tratando do sujeito enunciativo Jesus Cristo, ele precisou estar de acordo com as condições emergentes do seu discurso. Como falaria? De que forma falaria, se só os discípulos estavam com ele? Numa leitura mais profunda não só destes versículos, mas também dos circundantes, veremos que a enunciação é produzida por Jesus no intuito de ir de encontro a outros discursos, a exemplo do farisaico² e do mosaico, que circulavam naquele ambiente.

Quando observamos o que é dito no verso 43 e em parte do verso 44: “ouvistes que foi dito: amarás ao teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amarás o teu inimigo...” (Mt 5. 43a), percebemos que, para constituir o seu discurso, Jesus levou em consideração o discurso de outrem, de quem discorda, mas que se faz vivo no seu. Acerca disso, afirma Fiorin:

O enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo o discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio... Não há um objeto que não apareça cercado, envolto, embebido de discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. (2006, p. 19).

No caso em análise, percebemos que ocorre, a todo instante, uma interação constitutiva entre o locutor e seus interlocutores, na medida em que o amor e a lei que os regem são ressignificados. A ideia de amar ao próximo e aborrecer aos inimigos se manifesta em diversas passagens do Antigo Testamento, mas aqui citaremos apenas três: Ex. 17, 14-16 (guerra do Senhor contra Amaleque³ de geração em geração), Dt. 7. 1-2 (é dada ordem por Deus para destruição total dos

² De acordo com Boyer (2009, p. 222), os fariseus constituíam “uma das principais seitas entre os judeus, muito mais numerosas que a dos saduceus, e de mais influência entre o povo. Insistiam no cumprimento rigoroso da lei e das tradições. Chamados **fariseus**, isto é, separados, porque não somente se separavam dos outros povos, mas também dos outros israelitas. Observavam práticas minuciosas, mas se esqueciam do espírito da lei, como se vê na maneira como eles se lavavam antes de comer (Mc 7, 3-4) e em pagar escrupulosamente o dízimo (Mt. 23, 23).” Portanto, os fariseus, por terem falta de amor, foram denunciados abertamente por Jesus Cristo (Mt. 5, 20; 15, 7-8; 23, 2-36), cujo discurso é totalmente contrário ao daqueles.

³ Neste caso, o termo “Amaleque ou os amalequitas” refere-se à tribo ou nação de descendência de Amaleque (neto de Esaú e um dos príncipes – duques – de Edom). Em Refidim, durante a jornada o povo de Deus, esta nação pelejou contra Israel (Êx. 17, 8). De acordo com a nota explicativa 17.8a de Dake (p. 112), “Amaleque atacou os fracos e debilitados na parte de trás do acampamento para saqueá-lo e despojá-lo. Por causa desse ato covarde, Deus destruiu esse povo”.

inimigos – heteus, gergaseus, amorreus etc.) e Dt. 23. 3-6 (amonitas e moabitas⁴ proibidos de entrar na congregação do Senhor, sem que Israel possa procurar paz com eles).

No verso 44, um caso interessante para observarmos é o uso da conjunção adversativa, “porém⁵”, marca de oposição e/ou adversidade. Além de ligar duas orações em nível gramatical (semântico e funcional), (re)enuncia o discurso de Jesus, prestando-lhe ideia de contraste em relação aos discursos que são recuperados (que o atravessam). Então, ao produzir um discurso contestatório ao modo comportamental dos sacerdotes da lei e de seus condutores, Jesus introduz quatro novos mandamentos: 1. Amar aos inimigos. 2. Abençoar quem o amaldiçoa. 3. Fazer o bem àqueles que o odeiam. 4. Orar pelos perseguidores.

Os escribas, ao codificarem as diversas leis mosaicas, implantaram e modificaram alguns pensamentos judaicos, que não apenas expressavam suas ideias, como seu etnocentrismo no Antigo Testamento. Entretanto, apesar de não constar da lei mosaica, a expressão “aborrecerás o teu inimigo”, por fazer parte de um discurso oral dominante em grande parte no Antigo Testamento, é retomada por Jesus Cristo e reacentuada. Embebidas do discurso farisaico e constituídas a partir deste, as enunciações de Cristo constroem-se por oposição, reelaborando o conceito de amor entre os judeus. Quando retomamos, por exemplo, o texto de Levítico 19. 18: “Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo: eu sou o Senhor”, encontramos a ideia de que “próximo” seria apenas o irmão de raça e de que o inimigo deveria ser, de certa forma, excluído desse amor.

Como constataremos mais à frente, o discurso de Jesus é comum a todos os discípulos, e isso se dá porque as suas enunciações são internamente dialogizadas. Percebamos, também, que ocorre sempre uma explicação posterior, à proporção que cada palavra é formulada, o que é tido aqui como o segundo momento de cada enunciação. O primeiro momento consiste na exposição dos discursos, e o segundo, na explicação ou contextualização de cada um deles. Quando adentramos, portanto, neste segundo instante dos enunciados de Cristo, entendemos que o discurso se estabelece dialogicamente com todos os que se prestam a compreendê-los. Demonstramos isso na enunciação dos versículos do capítulo quinto de Mateus.

⁴ Os amonitas e moabitas foram resultado de incesto (Gn. 19, 30-38) e receberam castigo por não terem saído com pão e água para receber o povo de Israel no caminho (Dt. 23, 4).

⁵ Cunha & Cintra (1985), quando afirmam que as adversativas conectam dois termos de igual função, referem-se à função sintática; em seguida, realizam uma observação de cunho semântico, como se apresentassem uma ideia de contraste. Já para Rocha Lima (1994), as adversativas relacionam pensamentos contrastantes. Para Bechara (1999), por sua vez, as adversativas “enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas”. Para ele, *mas* e *porém* acentuam a oposição.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS: UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICO-DISCURSIVA

A seguir se dispõe o conjunto de versos cujos números se estendem do 45 ao 48, em que o evangelista Mateus registrou as palavras outrora pronunciadas por Jesus.

v. 45 Para que sejais filhos do vosso pai que está nos céus, porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos.

v. 46 Pois, se amardes os que vos amam, que galardão haveis? não fazem os publicanos também o mesmo?

v. 47 E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? não fazem os publicanos também assim?

v. 48 Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso pai que está nos céus.

Examinamos, a partir dos versos expostos, que a todo o instante o discurso de Jesus dialoga com outros discursos, um constitui-se a partir do outro. No verso 45 observamos, no fio discursivo, que, para que todos fossem considerados como “filhos do Pai”, teriam de cumprir o que fora proposto no v. 44: amar aos inimigos, projetando réplicas de perdão e misericórdia aos perseguidores, mantendo uma postura diferenciada, como um processo de aperfeiçoamento no amor alteritário. Estas prescrições práticas do amor encontram-se em inúmeras ocorrências no contexto neotestamentário, como nas palavras de Jesus registradas pelo evangelista João:

Jo 13.35 Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros.

Jo 15. 10 Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, como eu guardei os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor.

Jo 15. 13 Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida em pelos seus amigos. (Jo 15. 13).

O evangelista João, no primeiro capítulo de seu evangelho, afirma que a divindade, Deus, “deu-lhes o poder de serem considerados filhos de Deus” (Jo 1.12), referindo-se às pessoas que decidiram aderir aos ensinamentos trazidos por Jesus, durante seus anos de ministério ativo nos arredores de Israel.

Ao afirmar que *o sol do Senhor se levanta sobre maus e bons, e a chuva desce sobre justos e injustos*, Jesus presta nova vestimenta às palavras de Jeremias, quando, em suas lamentações, este disse: “As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque suas misericórdias não têm fim. Novas são a cada manhã...” (Lm 3. 22-23). Ou seja, essa reconstrução enunciativa de Cristo simboliza uma instrução para que todos pudessem agir com “entranhas

de misericórdia⁶” (Cl. 3. 12) da mesma forma com que Jesus age, não fazendo dissensão entre judeus e gregos (Gl. 3. 27-28).

Ainda nos versículos 46 e 47, continua Jesus: *E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?* Caso alguns se prestassem a amar apenas os que os amassem, e a saudar apenas aos seus irmãos, não teriam galardão nenhum, pois os publicanos⁷, coletores de impostos, considerados pecadores e opressores pelos judeus, agiam de igual maneira.

A partir do instante em que traz e expõe a figura dos publicanos, Jesus direciona seu dizer no sentido de alertar o seu povo para que pratique o amor de forma diferente, não com hipocrisia nem com fingimento, mas com verdade e universalidade. Ao ressignificar o discurso rabínico judaico, Cristo (re)veste a mentalidade de grande parte das pessoas para que, através da materialização desse amor, tenham consciência inculpável tanto diante de Deus quanto dos homens (At 24. 16). Com isso, não apenas (re)edifica a ideia de um Cristianismo fundado no amor (o que é recuperado por Paulo em I Cor. 13), mas também fortalece o ensinamento doutrinário de que é preciso amar ao próximo como a si mesmo (Mc 12. 31) e uns aos outros assim como o próprio Deus os amou (Jo 15. 12).

Durante sua exposição sobre o sermão da montanha, Cristo falara que “se a justiça das pessoas não excedesse a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrariam no reino dos céus” (Mt 5. 20). É nessa perspectiva de ultrapassar a justiça farisaica – pautada na lei – que, no verso 48 do capítulo quinto de Mateus, encontramos a ordem para que os discípulos manifestem a perfeição no amor, da mesma forma que o Pai, que está nos céus, o faz. Tal ordenança⁸ consiste na continuidade da aliança sacerdotal que Deus estabelecera com os seus justos e que ganha visibilidade nas entrelinhas de grande parte do conjunto bíblico. Esta neoconfiguração presente na última enunciação de Jesus simboliza, portanto, o Espírito e a natureza de Deus no novo homem (Ef. 4, 24), em verdade de justiça e santidade, trazendo à prática judaico-cristã a vivência da fé (Rm 1.16), da esperança e do amor (I cor. 13, 13).

5. JESUS CRISTO: UM SUJEITO SOCIAL RESPONSIVO-ATIVO

Segundo Sobral, o sujeito, dentre outras características que o constituem, é aquele que

⁶ Expressão trazida por Dake (2012, p. 1709).

⁷ De acordo com Boyer (2009, p. 441), Publicanos eram os cobradores de rendimentos públicos entre os antigos romanos. “Os judeus consideravam os publicanos traidores e apóstatas, porque cobravam os impostos para a nação que os oprimia. Julgavam-nos pessoas do mais vil caráter porque também extorquiam grandes somas de dinheiro do povo (Lc. 3, 12-13/ 19, 8)... Classificados com os pecadores (Mt 9, 10-11), com os pagãos (Mt 18, 7), com as meretrizes (Mt. 21, 31).

⁸ Vejamos algumas passagens em que ocorre a ordem para que os escolhidos do Senhor manifestem a sua perfeição: Gn. 17,1; Dt. 18,13; Ef, 4, 13; II Tim. 3, 16.

Age sempre (o que inclui todos os seus atos: cognitivos, verbais etc.) segundo uma avaliação/ valoração daquilo que faz ao agir/falar, e pela qual se responsabiliza, e o faz a partir tanto da identidade que forma e vê reconhecida como das coerções que suas relações sociais lhe impõem ao longo da vida e que vão alterando essa identidade que ele veio a formar (2009, p. 51).

O sujeito Jesus Cristo, em suas enunciações, assume uma responsabilidade pelo que faz, a partir tanto de sua identidade como das relações sociais que lhe são impostas e que vão alterando sua identidade. Quando Jesus se engaja em seu discurso, a exemplo dos versos 43 e 44 (analisados na p. 7), reconstrói sua identidade. Ele está ao mesmo tempo considerando o discurso do outro (o discurso farisaico-rabínico, ainda que discorde totalmente desse discurso), visto que o sujeito ocupa na sociedade múltiplas identidades, pois está sempre em contato com diferentes interlocutores. Assim, por exemplo, neste momento, não assume apenas a identidade de religioso, mas também de mestre⁹, o que está instruindo seus discípulos. Então, é assim que sua identidade é compreendida como uma construção socialmente organizada por meio de outros discursos.

Além disso, vale frisar que Paulo, quando se refere aos religiosos, em Atenas, o faz de modo a se admirar pelo apego deles a coisas terrestres, com as quais, de acordo com ele, Deus não podia ser comparado: "... vejo o quão religiosos sois... porque, enquanto andava pela cidade, observei vossos santuários e encontrei até um altar em que estava escrito: "Ao Deus desconhecido" (At. 17. 22-23)¹⁰.

Jesus, como enunciador, para constituir seu discurso, leva em conta o discurso de outrem, utilizando-o no seu. Essa nova enunciação confere caráter de valoração para a vivência do amor, em que Cristo reage responsiva e responsabilmente a outros discursos fortes e hegemônicos que reinavam naquele contexto sócio-histórico. Jesus não estava apenas querendo ser claro e ser entendido, mas 'desfazer' mesmo um outro discurso que estava em 'alta' ali. Isso é arena, lugar de conflito dialógico-ideológico.

⁹ Durante grande parte do percurso bíblico, principalmente do N.T, é constante a diferença entre ser "mestre" e ser "religioso", por mais que esta não se dê de modo explícito. Não necessariamente porque alguém é religioso desempenha o papel de mestre, até porque "o corpo não é constituído de um só membro, mas de muitos" (I Cor. 12. 14). Por outro lado, existem muitos religiosos da lei, como os fariseus, que, por mais que não sejam mestres, almejam "os primeiros lugares nas ceias, as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e serem chamados de Rabi pelos homens" (Mt 23. 6-7). Para os judeus, o Mestre (Rabi), por ser um líder e por influenciar um grupo que lhe está conferido, está em uma posição social e sacerdotal mais elevada, como podemos alcançar no próprio discurso de Jesus em sua instrução aos discípulos: "Não é o discípulo mais do que o mestre..." (Mt. 10. 24a) e na exposição de Paulo acerca da constituição hierárquica do corpo: "A uns Deus pôs na Igreja, primeiramente apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro, doutores... Porventura são todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores?" (I Cor. 12. 28-29).

¹⁰ Obs.: Com esta nossa explicação, não retiramos a possibilidade de que uma pessoa possa ocupar o cargo de religioso e mestre ao mesmo tempo, mas que existe(m) diferença(s) entre ser mestre e ser "apenas religioso", o que muitas vezes era visto por Jesus e pelos apóstolos de modo negativo.

Por fim, podemos afirmar que a individualidade de Jesus, como sujeito dialógico, é marcada na expressão de seu querer-dizer, de sua projeção discursiva, e finalmente, de sua potencialidade¹¹ para o diálogo. Na medida em que é externado, o discurso sobre *o cumprimento da lei e dos profetas (o amor)* é ressignificado por Jesus Cristo no contato que estabelece com a realidade sócio-histórica dos seus interlocutores. Assim, entendemos Jesus como responsável e responsivo linguística e enunciativamente pelo seu discurso, configurando-se e constituindo-se dialogicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho centrou-se na análise da representação do sujeito Jesus Cristo em sua exposição oral sobre o cumprimento da lei e dos profetas (o amor), a partir do que nos é relatado por Mateus (capítulo 5). Neste direcionamento entendemos que, no gênero discursivo exposição oral, os sujeitos criam (no ato da enunciação, da interação verbal) o efeito de sentido desejado de compreenderem-se responsivamente, uma vez que incorporam nos seus discursos os discursos de outrem. Assim, procuramos observar as possibilidades de sentido presentes no discurso de Jesus, buscando compreender como ocorre a apreensão das vozes sociais que dialogam e observando os efeitos discursivos a partir dos enunciados que se atualizam.

Jesus, como enunciador, para constituir seu discurso, leva em conta os discursos farisaico e mosaico, dos quais discorda, utilizando-os no seu. Essa nova enunciação de contraposição confere caráter de valoração para a vivência do amor, em que Cristo reage responsiva e responsabilmente a outros discursos fortes e hegemônicos que imperavam naquele contexto sócio-histórico. Assim, Jesus se posiciona de modo axiologicamente adverso em relação aos fundamentos das leis rabínico-farisaicas acerca da carne, no intuito de (re)edificar a materialização do amor nas ações humanas.

Posicionando-se num espaço enunciativo-discursivo saturado e denso, Jesus se coloca num terreno delicado e fluido de uso da linguagem, encontrando-se na zona de tensão por estar indo contra outros discursos dos quais discorda. Em outros termos, o lugar da constituição/ representação de Jesus Cristo é caracterizado pela forte tensão entre suas palavras e o dizer do outro.

No caso em análise, percebemos que ocorre, a todo instante, uma interação constitutiva entre o locutor, Jesus, e seus interlocutores, os discípulos, na medida em que o amor e a lei que os regem são reenunciados. Vale salientar que o universo discursivo de Cristo, responsável/responsivo pela relação que mantém

¹¹ A potencialidade para o diálogo, no caso de Jesus, é manifesta em todo o Sermão da Montanha (Mt 5, 6 e 7)). Porém, delimitamos como corpus seis versículos, por compreendermos existirem diversas relações dialógicas e axiológicas no momento em que se fala especificamente sobre o Amor aos inimigos e aperfeiçoamento no amor. Nesse sentido, as vozes que atravessam este discurso de Jesus (Mt 5.43-48) compõem uma arquitetônica enunciativa que nos permite classificar como potencial, densa, dialógica.

com o outro – os discípulos e a multidão – se estende pelas interações com a exterioridade que o constitui, ou seja, enunciados validados pela história e pela memória sociais: o interdiscurso. Sob o viés do dialogismo, buscamos, assim, discorrer sobre a representação de Jesus Cristo em sua exposição oral acerca do amor.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Estética da Criação*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2011.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 1999.

BÍBLIA SAGRADA. *Antigo e Novo Testamento*. Belo Horizonte: Editora Atos, 2012.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulus Editora, 2002.

BOYER, Orlando. *Pequena Enciclopédia Bíblica – Dicionário, Concordância, Chave Bíblica, Atas Bíblico*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FIGUEIREDO, Maria F. *et alli*. "Pregação religiosa: uma caracterização à luz da toeira dos gêneros". In: *Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras, Franca (SP)*, v. 5, n. 5, p. 129-153, jan./dez. 2009.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FRANCELINO, Pedro Farias (Org). *Teoria dialógica do discurso: exercícios de reflexão e de análise*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

TEXEIRA, Ana Paula Tosta; BLASQUE, *et al.* “A exposição oral na sala de aula”. In: VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS. 2008. *Anais*. UEL. organização de Mirian Donat e Rogério Ivano – Londrina: EdueL. dez. 2008. p. 1-9.

Wilder Kleber Fernandes de Santana
WilderSantana92@gmail.com

Pedro Farias Francelino
PedroFrancelino@yahoo.com.br

Recebido em: 19 dez. 2017

Aceito em: 20 fev. 2018

Publicado em: 19 ago. 2018